

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 102

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO.,

43 - RUA FORMOSA - 43

JOSE D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - Largo de S. Domingos, 21 a 24 - LISBOA

Deposito em Lisboa 37, RUA DO CORPO SANTO, 37

A MELHOR DEMAZA CONTRA AS DYSPEPSIAS

ANALYSE

De Ex.^a Ser. J. dos Santos e Silva, da Universidade de Coimbra.

Bicarbonato de sodio ..	1,15491
Bicarbonato de lithio ..	0,00938
Bicarbonato de calcio ..	0,51303
Bicarbonato de magnesio ..	0,29284
Bicarbonato de ferro ..	0,00870
Bicarbonato de manguez ..	0,02969
Phosphato d'alumiao ..	0,01174
Sulfato de potasio ..	0,01091
Chlorato de potasio ..	0,04089
Chloreto de sodio ..	0,10544
Silicio ..	0,05106
Materia organica ..	0,00028
Bicarbonato d'ammonio ..	2,11724
Acido carbonico livre ..	1,98484
Somma.	3,50045

Vegetico de azoto de sodio, azoto e oxigenio.

CONSULTAS E UM LIVRO GRATIS

É seu interesse escrever-nos para receber a nossa consulta gratis



Tendes rheumatismo? Tendes dores nas costas, pernas, hombros ou bracos? Sentis dor e com atalhoçom de temperatura? Como funciona e vosso estomago? Não tendes a pesteite e digeris mal? Sofreis de insomnias? Sois fraco ou nervoso? Estas debilidades?

Se o vosso estado apresenta algum d'estos symptomas, o vosso organismo requer um auxilio poderoso, porque a saude está alterada.

A natureza precisa que a ajudem. Dao-lhe, portanto, o verdadeiro remedio, a **Electricidade**, que é a vida animal, e o organismo restaura-se-lhe.

O **VIGORISADOR ELECTRICO** de dr. McLaughlin cura as enfermidades do systema nervoso, dos rins, bexiga, estomago, prisão de ventre, lumbago, Rheumatismo, impotencia e varicose, cura-se rapida e effezadamente.

Consultas e um formoso livro gratis a todos

Aviso importante: — Não vancillem em passar pelo nosso estabelecimento, a fim de conhecerem o nosso appareto e tenham presente que durante a applicação do nosso Vigorisador. Ectrico terho consultas gratis dos nossos medicos. Quem não poder fazer-nos uma v. a ta corte este anuncio e mande-o com a sua direccão, que lhe remettemos gratis pela volta do correio, um folheto esmeradamente impresso, dando todos os detalhes.

ESTA CASA NÃO TEM AGENTES

Rua Augusta, 188. 2.º

Horas: 9 m. às 8 noite.

Domingos: 10 m. à 1.

DR. M. P. MCLAUGHLIN

LISBOA

Bueno Romera

CHIRURGAO-DENTISTA

Tratamento de doenças da bocca.
Colocação de dentaduras artificiaes.

CONSULTORIO:
CALÇADA DO COMBO, 32, 1.º
(Valgo Paulistas) — Lisboa

BRAZIL — UNIAO DOS PROPRIETARIOS
COMPANHIA DE FIEGROS TERRESTRES
18, Rua da Candelaria, 18 — Sobrado
Deposito no Thesouro Federal 200.000\$000

Autorizada a funcionar por carta-patente, inscrita na Superintendencia de Seguros Terrestres e Maritimos, de accordo com o decreto n.º 4.270, de 10 de dezembro de 1904. — Seguros prediaes, estabelecimentos comerciais, moveis, villas e tudo mais quanto se relacionar com seguros terrestres. Acciaes precatorias para adquirir lentes por conta e ordem de terceiros, encarregando-se tambem do reembolso de juros de apolices, divididos de accão de lincos e participas n'esta capital, mediante medida commoçada.

Inventario — Justino Soc. Luiz de Souza, Antonio Moritz de Costa, Antonio José Alexandrino de Castro, — Conelia for 1. — José Cayetano d'Oliveira, Francisco Alves Soares Bastos, Daniel Ferreira dos Santos, Antonio de Peres, Leopoldo Guimarães, João da Rocha Bonariz e João Jorge Gale Junior.

18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado — RIO DE JANEIRO

PROVEM O BUCELLAS HOCK SANDEMAN PELO EM TODA A PARTE

Almanach Illustrado d'O SEculo PARA 1906

Consideravelmente melhorado

ESTÁ À VENDA

Este conhecido e apreciado ALMANACH

O melhor que se publica pelo diminuto preço de

120 rs. brochado e cartonado **rs. 200**

CORTICITE (agglomerados de cortiça)
FABRICAÇÃO ESPECIAL

CHAO SEM FENDAS
HYGIENICO, IMPERMEAVEL E ECONOMICO

CHAPAS E TIJOLOS MATERIAL DE ISOLAMENTO
CONTRA O CALOR, O FRIO E O SOM

FORRO DE TUBOS E CALDEIRAS DE VAPOR
Reduzindo a condensação. Economisando combustivel

O. HEROLD & C. 11 RUA DA PRATA, 14, 1.º

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
REITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA.

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1905

NUMERO 102



Coronel sr. Manuel de Sousa Machado

É o coronel Manuel de Sousa Machado, actual commandante de infantaria n.º 1, que vai commandar a expedição que deve vingar o desastro de setembro de 1904 e infligir aos cuamatás o castigo pelo descasto commetido na sua qualidade de povos sobre os quaes devemos manter suzerania.

O coronel Manuel de Sousa Machado é, no exercito portuguez, um dos officaes que mais provas de bravura e de acerto no commando tem dado como bem demonstra a sua carreira gloriosa d'África e os seus honrosos commandos, tanto nas colonias como na metropole. Manuel de Sousa Machado, que pertencia em 1891 ao regimento de que é hoje coronel, foi para Moçambique com a expedição d'esse corpo e ali desempenhou bem difficis commissões.

Em 1890 bateu com as tropas do seu commando os regulos Mataka, Kuambas e Zafali nos territorios do Nyassa, tendo-se internado no territorio inimigo sem os menores recursos, o que é a prova cabal do seu intemerato arrojo, trazendo 1400 prisioneiros e tendo mandado incendiar 9.000 palhotas, o que garantiu a vi-

ctorria, causando esta o assombro dos inglezes da British Central Africa, os quaes desejaram prestar ao coronel Machado um auxilio d'alguns cypases e companhias de infantaria commandadas pelo major Pearce, o que o official portuguez recusou. Tudo o que fica a exposto bem assegura as raras facilidades do commandante da expedição que em África ha-de manter gloriosamente o nome portuguez e a honra da bandeira agora coufiança a um dos mais prestigiosos e dignos militares de Portugal.

CHRONICA

Carta a um pae

Meu amigo: Naturalmente n'esses barrocos da tua aldeia agreste de Traz-os-Montes já recebeste a noticia grata para o teu coração de pae de que as aulas só abrem em 3 de novembro, permitindo assim que teus filhos assistam á matança do cevado, á prova do vinho novo e comam as castanhas estaladas no brazeiro, que já deves ter mandado acender por essa época em que o frio encanado da serra entra por todas as frinças e a telha pinga n'uma monotonia toada. A tua alegria, meu velho monianhez, deve redobrar ao veres no teu Borda d'Agua, contando os dias até á época dos exames, que o anno escolar será de sete mezes com desconto de mais uns cincoenta dias de feriado distribuidos no Natal, em que reunirás todos á meza, na Paschoa, em que lhes prepararás uns bons folares loiros, e tambem pelo Entrudo, em que a tua companheira, essa bem humorada e santa senhora, arranjará com um sorriso algumas filhós de estopa; isto sem contar com o tempo do patuseco Santo Antonio, com o do doce S. João, com o do velho S. Pedro e com os de outros santos benemerentes que dão suetos á rapaziada.

Sei que és um bom pae e que desejas ver a tua prole alegre e satisfeita, rija e fera, sem esses abalos que os estudos dão, sem esse exgotamento dos sobreforços intellectuaes que faz anemias, nevroses e cabellos brancos; sei que vives n'um sobressalto constante quando os teus rapazes estão longe de ti pelas escolas, afastados da tua mão cariciosa e do teu olhar doce e ao mesmo tempo arguto; e,



REAL PAÇO DE QUELUZ - A fachada do palacio do lado do parque

passaros já saem dos ninhos, abraudam os padecimentos dos gottosos lentes e elles começam a ser mais bondosos e como d'ahi a pouco veem as ferias não entrarão muito pela materia.

tonjo, que não deixará de querer desancar o teu rival. Já te custará menos a despedida. Elles voltarão na Paschoa, após uma curta demora na Universidade, onde se estará á paginas vinco e cinco dos compendios, e quando, em domingo de Compadres, os abraçares, elles dir-te-hão muito bem dos lentes e do governo que dá tantos feriados e pouco adiantarão mais do que o sorriso e o abraço sobre a tua enxaqueca e sobre a tua demanda. Mandarás uns presuntos aos lentes; votarás com o sr. José Luciano que, por esse tempo deve estar carecendo de fazer novas eleições e teus filhos ficarão approvados e talvez distinctos, voltarão para casa, cair-te-hão nos braços, ficarão no teu conchoço até á nova abertura das aulas que em 1907 deve ser lá pelo Entrudo e serás feliz. Os rapazes formar-se-hão, socoga; e quando lhes falares da tua enxaqueca e da tua demanda, elles continuarão a sorrir-te e a abraçar-te, oh! venturoso pae!

O João ainda tentará curar-te. Dar-te-ha um remedio, que te augmentará as dores e lhes acrescentará umas colicas; e Antonio irá desancar o teu vizinho que disputa a cisterna, falando em nome do artigo do codigo que trata da legitima defeza, e no fim o João Semana, ah! da terra, cura-te as enxaquecas, um procurador do Porto vence-te a demanda e teus filhos, formados em Medicina e em Direito, como continuarás a votar, reconhecido, nos governos que dão feriados, terão um largo futuro. O medico irá para o ministerio da justica; o bacharel para o mercado de vinhos e azeites e tu serás assim o pae mais venturoso como te deseja o teu.

ROCHA MARTINS.



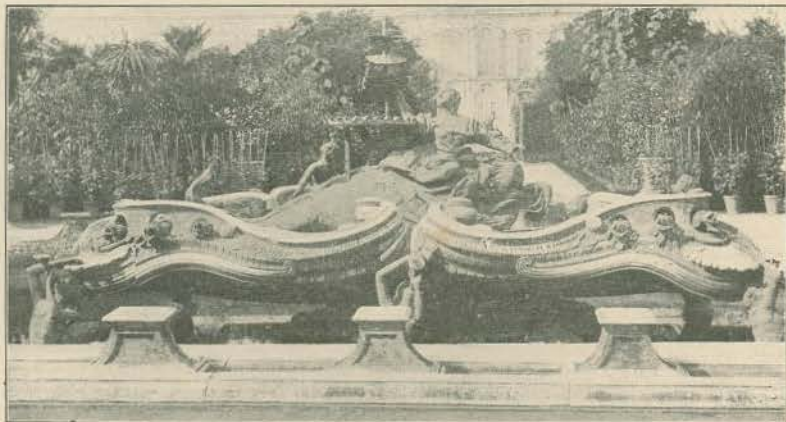
REAL PAÇO DE QUELUZ - O lago do parque com a figura de Neptuno

por isso, visto que elles ficarão muito tempo em casa, felicite-te pela determinação do governo que será bem grata á tua sensível alma. Deves votar com elle.

Os teus filhos, meu velho, não terão este anno canceiras, não estarão muito tempo longe da tua casa tão amiga e tão confortavel; durante esses cento e tantos dias elles não serão muito apertados nas aulas, porque o habito de não trabalhar traz aos corpos, mesmo aos dos lentes, affirmo-te, uma oriental indolencia. Depois os dias de inverno em que as escolas vão abrir são curtos; a chuva amolenta, é necessario acender o gaz e n'essa atmosphera morna que sabe bem aos que veem da rua com os pés encharcados e com as orelhas fustigadas pela ventania, o somno pôde mais do que o compendio. Bocejar-se-ha Materia medica e Direito Civil. Ficarão tudo para depois dos Reis.

Teus filhos estarão cômigo por essas ferias e quando interrogares o João, que estuda medicina, sobre as tuas enxaquecas, elle responder-te-ha com um bom sorriso de filho extremoso; quando consultares o Antonio, que estuda Direito, sobre a tua intrincada e antiga demanda por causa da cisterna, elle abraçar-te-ha commovido, e, como bom filho e bom transmuntano, sentirá desejos de ir descendeir com um estadulho o Manuel Sequeira, teu adversario no litigio. Já vês, meu amigo, que terás muitos gosos até essa data em que receberás os seus sorrisos e os seus abraços. Deve enstarte muito a despedida, mas socoga que elles não terão muito que fazer desde os Reis ao Carnaval. Começa a vir de quando em quando uma resteca de sol, os

No Carnaval os teus futuros doutores lá irão empoar as primas e quando os consultares sobre as tuas enxaquecas e sobre a tua demanda receberás o mesmo sorriso do João e o mesmo abraço do An-



REAL PAÇO DE QUELUZ - O lago do Tritão no parque



TYPOS DE LISBOA—A vendedora de refrescos

A PRAIA DE SANTA CRUZ DE TORRES VEDRAS

(Photo. do sr. João Correia dos Santos)

A tres leguas de Torres Vedras, seguindo por uma estrada municipal, aberta ha bem pouco tempo, por entre vinhas cobertas por espessos mantos de poeira e de-

sar os mezes de agosto e setembro, o que é perfeitamente justificado pelas belezas naturais que tanto nos impressionam ali á beira do oceano.

E' este logar bom assinalado pela prodigalidade de aspectos bellissimos que nos apresenta o céo e a terra. Pode-se dizer que o sol surprehe nos em cada dia em que mergulha no occidente, com matizes diversos e cambiantes verdadeiramente phantasticos. Entre as belezas da praia, destaca-se a magnifica vista panoramica que impressiona o passeiante que trepar á *riba amarellia*, junto á Praia Formosa; o *penedo do Guincho*, grande

em primeiro plano o sr. Francisco Maria Bacellar, esta praia apresentará dentro em pouco um conjunto de melhoramentos que a tornam preferivel a qualquer outra, devido ao grande numero das suas belezas naturais e ás commodidades encontradas pelos banhistas.

Durante a presente epoca balnear, tem a animação dos bailes e *cotillions* successivos batido o *record* de enthusiasmo. Grupos, de senhoras e rapazes tem organizado *pic-nics* e outras diversões que fazem afastar para bem longe a monotonia que tão mal se dá em Santa Cruz.



Vista panoramica de Santa Cruz

bruçadas sobre os cachos dependurados; seguindo em torcicollo apertado e aspero para além das pitorescas povoações de Ponte de Rol e Casalinhos d'Alfayates;

mole que se separou das penedias e ha seculos que defronta o oceano; o traçado caprichoso das ribas pardacentas sobre que se desfazem as ondas em cachoeira al-

Nos vastos salões do sr. Bacellar succedem-se diariamente os bailes e *cotillions*. Brevemente será estabelecida a communicação de Santa Cruz a Torres Vedras



Penedo do Guincho.

encontra-se á beira do oceano, sobre as ribas tão caprichosamente entalhadas pela natureza, a povoação de Santa Cruz, sobranceira á formosissima praia do mesmo nome.

Santa Cruz é a praia escolhida pela sociedade elegante de todo o concelho de Torres Vedras para n'ella pas-

si-sima que dá a toda a praia o aspecto d'um tapete infinito ondulado de prata.

O mar apresenta-se normalmente aspero, impondo pela sua braveza, aos banhistas, as maiores precauções.

Devido á immeliativa particular d'alguns frequentadores assíduos de Santa Cruz, entre os quos se destaca



Regresso da praia

por meio de uma linha telephonica e a camara municipal de Torres Vedras vae proceder a melhoramentos importantes, taes como illuminação, fontes, etc., pelo que é digna de todos os elogios por ser realmente lindissima a praia de Santa Cruz.

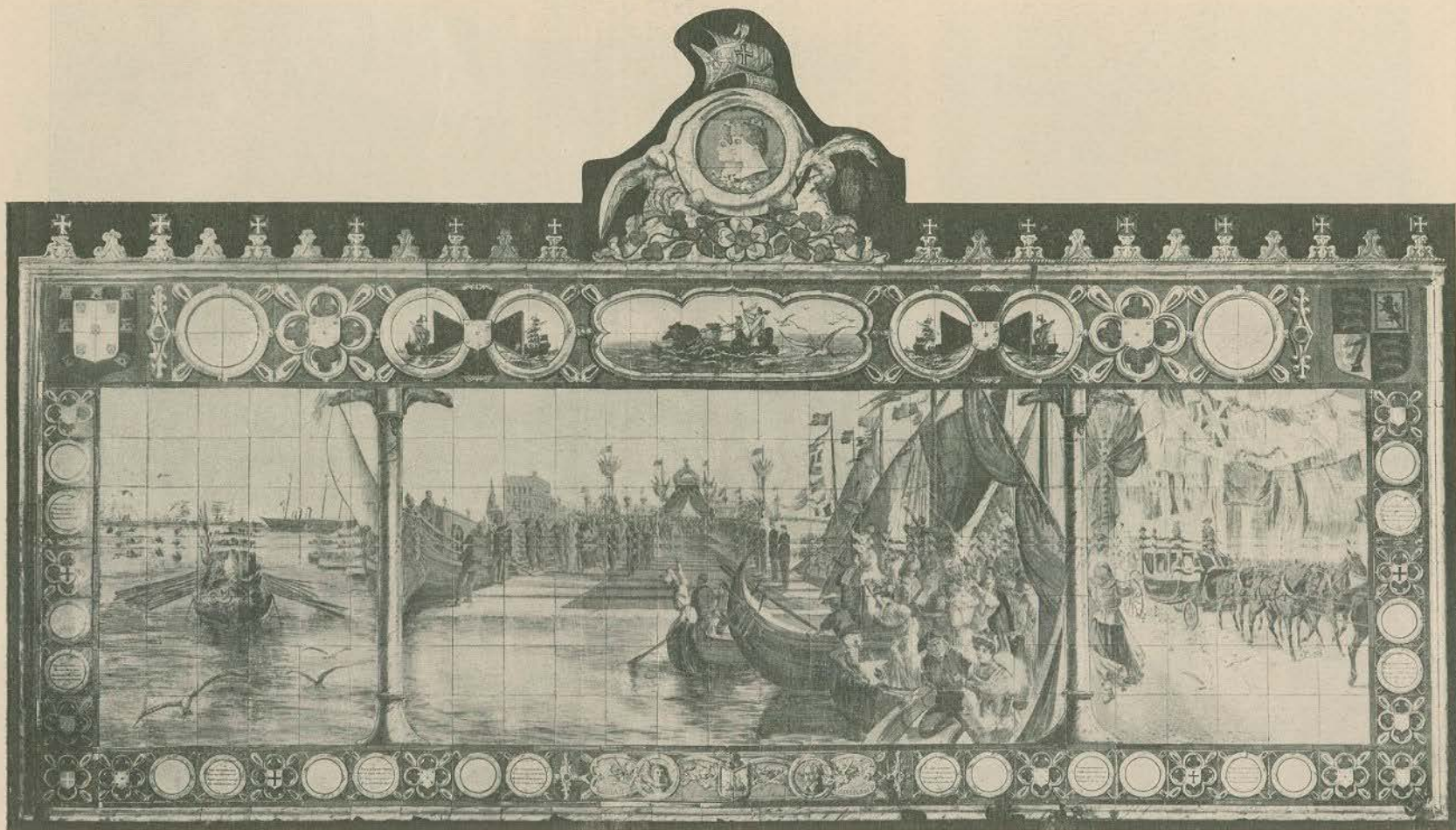
JOÃO CORREIA DOS SANTOS.



Marca para *cotillon*—: (Da esquerda para a direita) a rainha do espirito (sr.^a D. Maria A. Bacellar); a rainha da elegancia (sr.^a D. Isabel Pinheiro), a rainha da formosura (sr.^a D. Áida Amaral)



Grupo de banhistas



O PRESENTE DO SR. MARQUEZ DO SOVERAL A S. M. EL REI EDUARDO VII DE INGLATERRA—Trabalho de Jorge Colaço em azulejos

O sr. marquez do Soveral, a fim de commemorar a viagem da rainha de Inglaterra a Lisboa, para que essa recordação fique pelos tempos fóra, encomendou a Jorge Colaço, o exímio pintor, director artistico do *Supplemento do Seculo*, um trabalho em azulejo e que este conseguiu realisar da mais surpreendente e original maneira. Com figuras detalhadas, flagrantés, intensas de verdade, com scenas lindamente traçadas, com allego-

rias soberbas, aquelles azulejos são a reprodução em quadros de varias phases da visita da soberana ingleza com o seu desembarque no Terreiro do Paço pela mão d'el-rei enquanto para a angusta visitante se encaminha a corte, e com a marcha do cortejo real pelas ruas, a carruagem da corôa magnifica e grandiosa atravessando os arcos triumphaes enquanto uma mulher ergue o Bicho nos braços para que elle veja bem a graciosa so-

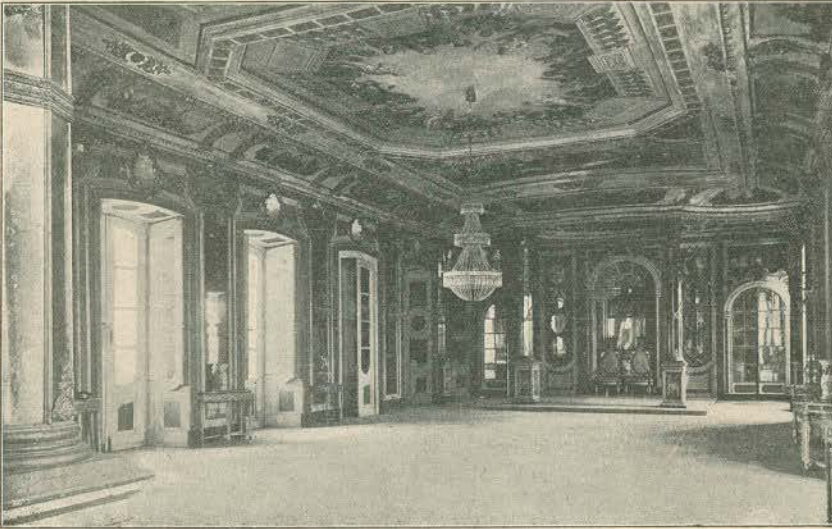
berana. As allegorias que rodeiam o quadro são bem escolhidas, evocam os periodos epicos de Portugal e da Inglaterra, a batalha de Bussaco onde Wellington comanda, Aljubarrota, caravellas portuguezas e inglezas, os escudos d'armas das duas nações amigas, episodios dos *Luziadas* e os bustos de Camões e Shakespeare, os dois genios litterarios dos paizes alliados. Na cimalha do quadro entre as flores symbolicas da Inglaterra, a

rosa silvestre da Grã-Bretanha, o cravo da Escossia e o trevo da Irlanda ha os retratos da rainha Alexandra, e da rainha D. Amelia que são muito bem executados. O quadro deve ser entregue a S. M. el-rei de Inglaterra em 9 de novembro, dia do seu anniversario, que o sr. marquez do Soveral festeja com essa obra de commemoração da visita da rainha a Lisboa.

O palacio real de Queluz

Queluz, hoje, é apenas uma invocação com os restos dos seus jardins, com o seu paço, com os seus campos onde uns velhos marcos, espalhados do oiteiro em oiteiro, de plaino em plaino, mostram vestígios de armas brigantinas. A velha povoação era o paço com meia dúzia de casitas e com um outro palacio pequeno d'onde Pombal assistia á vida da cõrte, que bastas vezes enfileirava á sua porta. O paço real era tudo ali, n'aquella povoação, para a qual se ia por caminhos mal empedrados, por estradas ladeadas d'árvores, algumas das quaes

Quando n'essa mesma sala dos Embaixadores, cujo mobiliario actual são quatro cadeiras armoriadas, olhávamos os tectos magníficos, uma risada que vinha de fóra, do jardim, recordon-nos a figura de Lannes e a scena que além se passou com o regente dois annos antes da fuga para o Brazil. Ao mesmo tempo lembravamos-nos do busto em cõra do principe D. João, d'esse regente, que está no quarto onde morreu D. Pedro IV e a scena reconstituiu-se inteiramente aos nossos olhos. Sentado n'uma d'aquellas cadeiras largas sobre o estrado com um doceo conecavo, em cujo tecto amores brincam de mãos dadas, o principe com o seu labio grosso e desuido, as faces gapeiradas, os olhos mortifcos—como se vê no busto coroado de louros que lá existe—ao vêr entrar Lannes d's rompante, rindo a bom rir, passando



A sala dos Embaixadores

ainda mostram os seculares troncos na beira da via que rente á ponte de baixo dá a entrada de Queluz hoje transformada, com as suas casitas modernas, com as suas villas, cujos telhados vermelhos sangram na luz do sol vistas cá do alto d'essa mesma estrada onde ha um seculo, exactamente ha um seculo, o boileiro da carnagem do marechal Lannes, então ministro da Franca em Lisboa, atirou para um barranco a sege pesada do ministro inglez, enquanto o garboso general ria a bom rir para entrar na sala dos Embaixadores do paço real ainda vermelho pelo ataque de riso.

por meio da cõrte admirada toda de sedas, d'otro, de calções e meias ricas, com as mãos enluvadas e sobre o caubão das luvas as rendas alvas dos punhos, erguen-se talvez por deferencia medrosa ao embaixador, talvez—o mais provavel—pelo pasmo que essa entrada lhe provocava.

E aquelle diplomata que nada tinha do officio, general vindo da linha para a gloria e que devia morrer bravamente em Essling, feito duque de Montebello, com uma franqueza rude onde havia quasi o desdem d'um homem que devia tudo a si pelo principe que se enco-



Uma cadeira da sala de throno

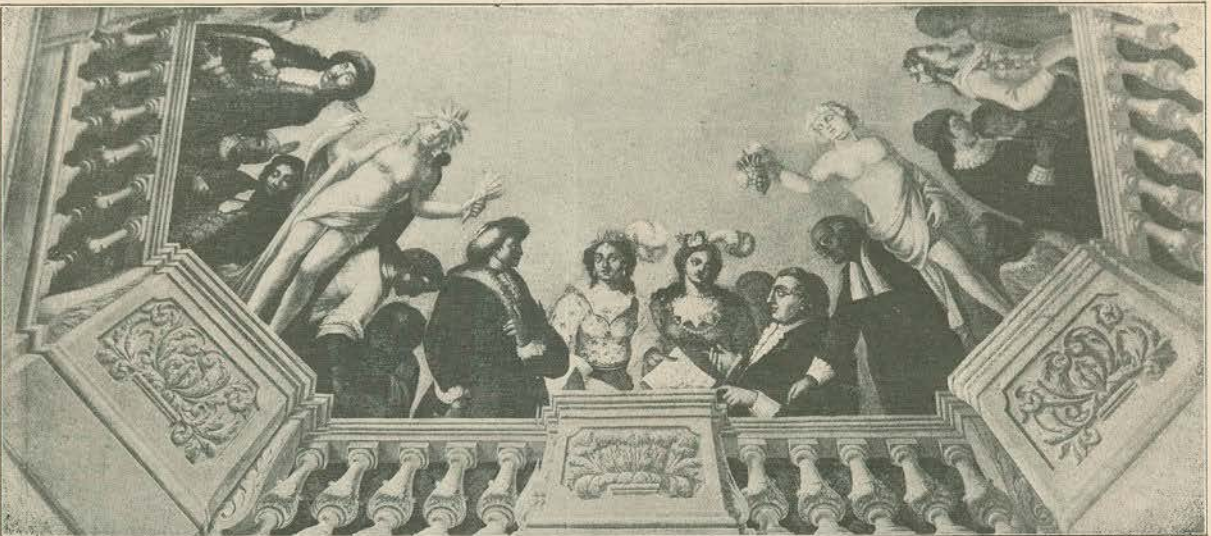
lhia ante os seus designios, entrava pela magnifica sala toda rodeada d'espelhos que lhe reflectiam o uniforme ainda do typo republicano, e exclamava sacudido em cataractas de riso:

— *Mr. du Brésil, cher compère, envoyez chercher l'ambassadeur anglais que j'ai laissé perdu.*

O principe ficou aterrado, a cõrte estremeceu temendo que da faccia do francez viesse uma reclamação da Inglaterra e ao mesmo tempo n'aquella porta, hoje entravada e d'espelhos despididos, apparecia a figura grave do inglez que saíra a custo da carnagem desmantelada.

E tudo isso, essa comedia que devia conduzir á tragedia, se passou além no vasto salão dos Embaixadores em cujo tecto as musas, nas suas roupagens ligeiras, defrontam os deuses com as suas hieraticas attitudes e ladeiam o quadro d'um periodo de grandezza em que os embaixadores sentiram com as suas nações a mão ferrea de Pombal.

Lá se vê, com o rei José e com a rainha Marianna Victoria, o mestre de musica David Peres tocando cravo ao lado do soberano, as princezas D. Maria e as infantas D. Maria Benedicta, D. Maria Josepha e D. Maria Dorothea, com rolos de musica nas mãos e o infante D. Pedro regendo o concerto entre varios fidalgos, n'um bello serenim. Primeiro n'essa sala se faziam as func-



Um trecho do tecto da sala dos Embaixadores



Um grupo de figuras d'um dos pequenos lagos do parque

Outro grupo de figuras d'um dos pequenos lagos do parque

Grupo de figuras d'um dos pequenos lagos do parque

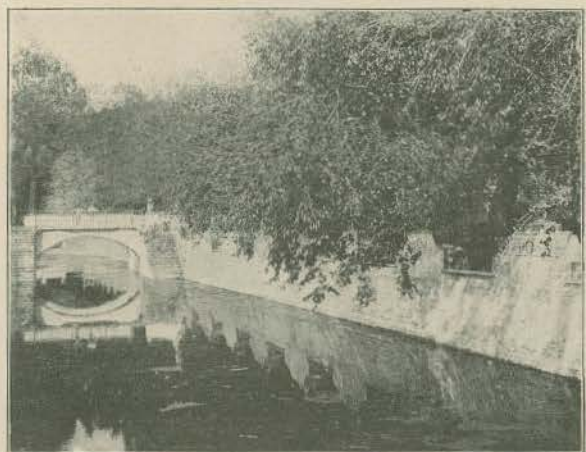
Outro grupo de figuras d'um dos pequenos lagos do parque

ções e d'ahi o nome de sala das Sereuatas, que perdou ao ser destinada ás audiencias solemnes.

E sob o olhar fiel de tantos fidalgos, de tantos principes, na presenca d'um descendente d'elles e d'uma

O *cher compère* está lá á sob uma rodoma com o seu beico caído e coroadado de o louros, na sala onde morreu D. Pedro IV e cujo tecto e é todo pintado com scenas de *D. Quixote*.

pedaço d'aquella cantaria é uma evocação e serve ao critico da historia para sobre ellas achar a risada de Lannes e a tração de Christovão de Moura, a bohemia do infante D. Francisco ou a scena extranha de D. Pe-



Um aspecto do grande lago

córtice engalanada, Lannes—como a demonstração viva do direito da conquista—risa a bom rir: —Ah! *Monsieur du Brésil... Cher compère.*



A frontaria do embarcadouro para o lago

De resto cada pedra d'essa residencia é uma recordação do passado, da historia que não é fiel sempre; cada

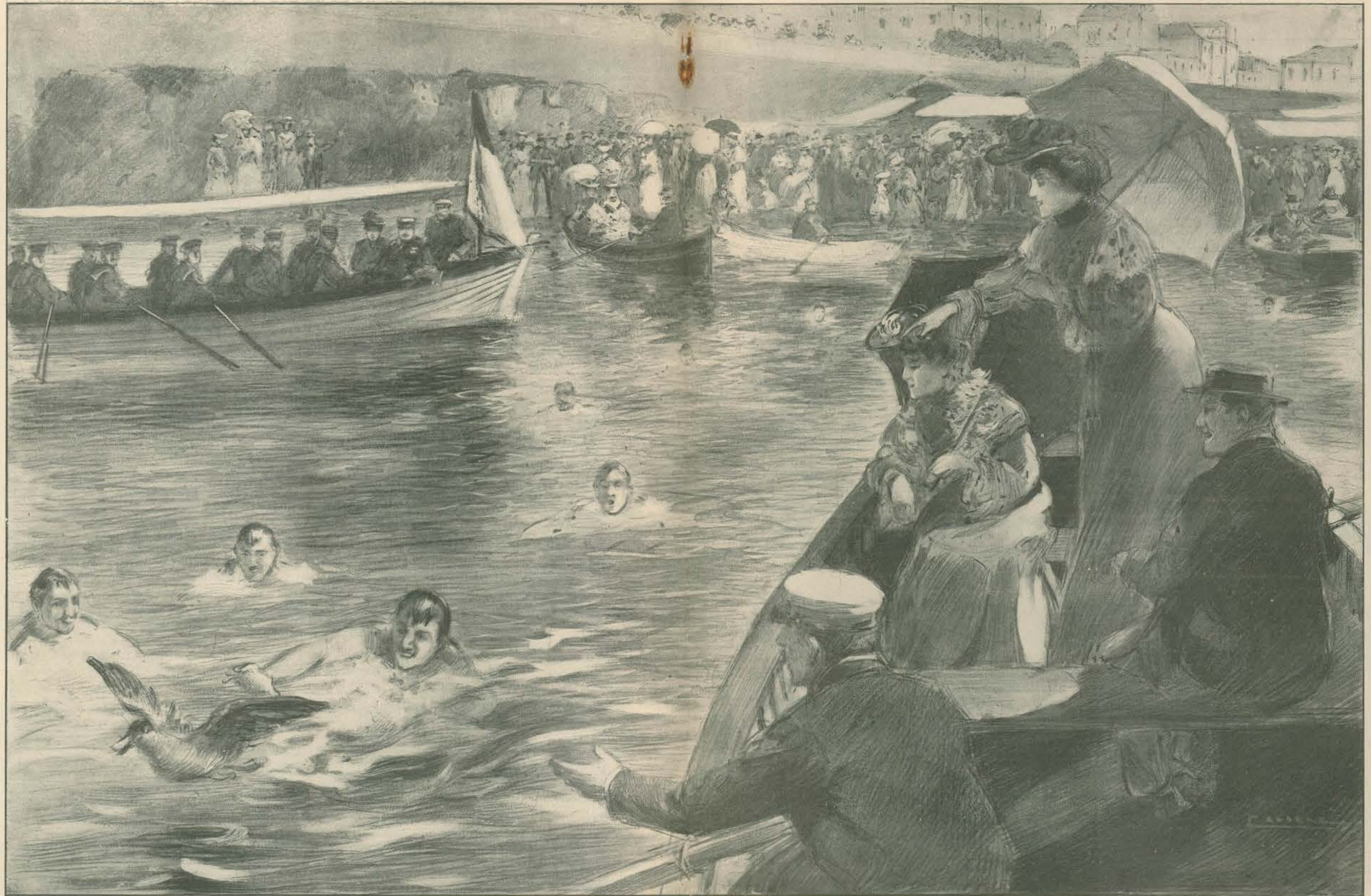
dro II quando infante. O que essas pedras viram é mais, mil vezes mais do que ellas guardam nos restos ainda opulentos das suas salas. (Continúa.)



Busto de D. João VI
Trabalho em cera feito pelo esculptor
Raphael Ferreira



Outro trecho do tecto da sala dos Embarcadores



AS REGATAS EM CASCAES NO DOMINGO 8 DE OUTUBRO—A caça ao pato por nadadores

Muitos rapazes da colonia balnear tinham se inscripto para essa caçada divertida ao pato, que devia ser agarrado por nadadores, porém, faltaram muitos d'elles e no momento dado apenas sete tomaram parte na di-

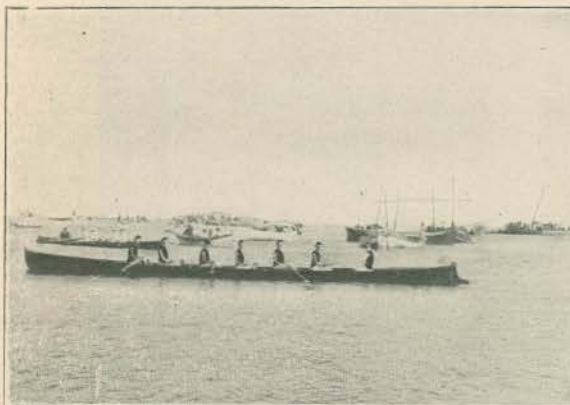
versão, que decorreu bastante animada. O palmipede, com uma fita azul presa ao pescoço, ora boiava na agua, ora voava para de repente começar a nadar n'uma fuga para terra, enquanto os nadadores esbaforidos faziam

esforços inauditos para lhe lançar a mão. Depois, dos innumeros botes que assistiam á scena, enxotava-se o animal por entre gargalhadas, tornando mais difficil a victoria. Barcos cheios de senhoras em trajos claros na

luz do sol, outros com homens em fatos de *clubmen*, cruzavam-se e de toda a parte era a mesma ansia de fazer fugir o animal com grande desespero dos caçadores.

O espectáculo era deveras interessante. . . Por fim o sr. Almeida d'Eca conseguiu agarrar o pato, pelo que lhe foi conferido o premio que constava de medalhas de prata offerecidas pelo sr. A. d'Abreu. O premio de na-

tação coube ao sr. José Roquette, SS. MM. e A.A. assistiram á diversão com o sr. marquez do Soveral, de bordo d'um escalet.



A GRANDE REGATA EM PAÇO D'ARCOS NO DOMINGO 8 DE OUTUBRO

Aspecto da corrida de guias de quatro remos—Largada na regata dos catrales—'Palmyra' do sr. Matto d'Allen que ganhou o primeiro premio na regata de embarcações de maior lotação—As vencedoras na corrida de escaleres a bordo do barco vencedor 'Lucinda', timonada pelo sr. Hugh Mackley, as sr.^{as} D. Maria Talone, D. Andrea de Figueiredo, Daisy Mackley e D. Maria Macgregor—'Estrela' do sr. Carlos Luz que disputa o premio a 'Palmyra'—Estando vencida—'Gabiella' do Real Club Naval que ganhou o primeiro premio na corrida de remos—A 'Insula' do Club Naval Madeirense

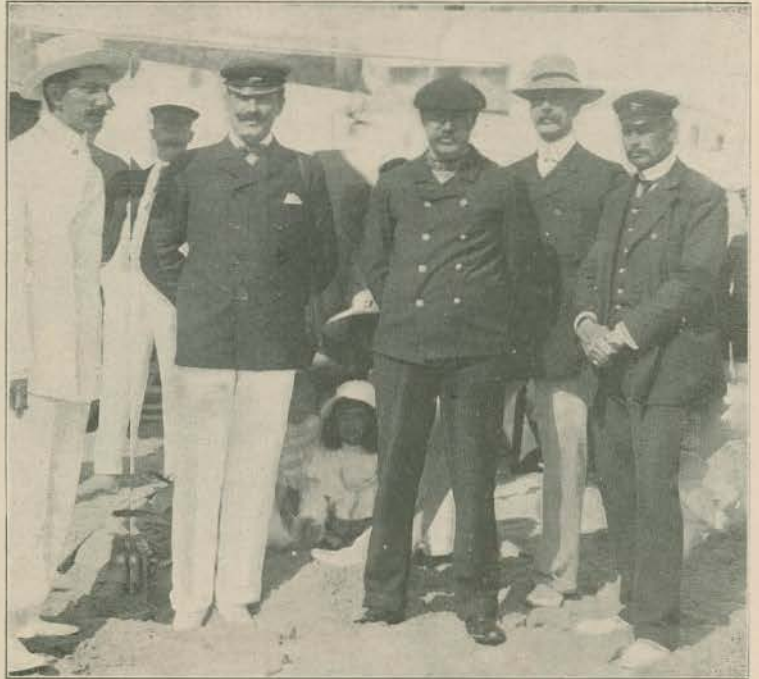
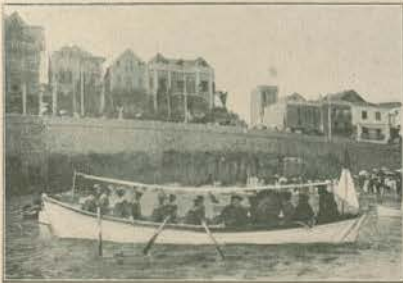
Na regata de Paço d'Arcos houve tambem corridas de pic-nics, ganhando a que era timonada pelo sr. Algir de Figueiredo e que tinha como remadores os srs. João Roubaud e Luiz Rembado e a que era timonada pelos srs. Passos Costas e levava como remadores os srs. Cordeiro de Sousa e José da Veiga Beirão. O Club Naval Madeirense, com a sua guiga *Insula*, obteve uma grande victoria, sobretudo pela enorme distancia que a

Insula transpoz rapidamente contra a *Idalia*, do Real Club Naval. Correram tambem escaleres dos navios de guerra, havendo um grande enthusiasmo nas tripulações a ponto dos escaleres do *D. Carlos* e do *Pero d'Alemquer* se chocarem na ansia da victoria ao chegarem a primeira ballisa. Repetiu-se a corrida, cabendo o premio ao escaler do *Pero d'Alemquer*.

O jury era assim composto: presidente sr. Lourenço

Cayolla, *umpire* o sr. Menezes Leal; juiz de largada, sr. Fortes Rebello; juiz de chegada, sr. Virgilio Costa; vogaes, srs. Ferreira Cabral, Estevão Guimarães, Sá Pereira, João Talone e Mello de Figueiredo.

Os premios foram distribuidos a noite no club de Paço d'Arcos, havendo em seguida baile que terminou ao amanhecer.



AS REGATAS EM CASCAES EM 8 DE OUTUBRO—A corrida de barcos d'armações diversas

A largada dos barcos d'armações diversas—O jury da regata: *srs. João Bergaro, Jaime Thompson, S. A. B. e senhor infante D. Afonso, Guilhermo Pinto Basto e Paulo Botto.*
—SS. MM. e AA. com o sr. marquez do Soveral assistindo à regata a bordo d'um escaior



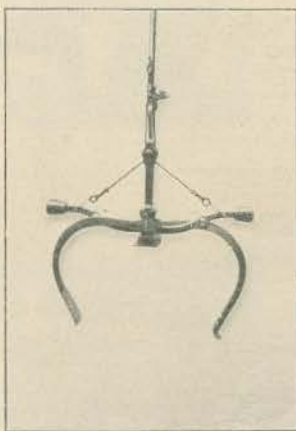
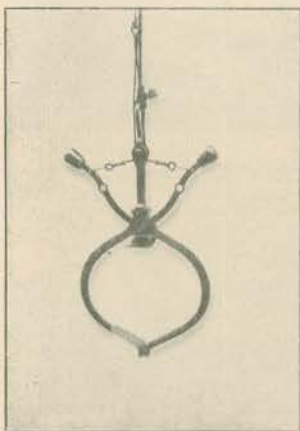
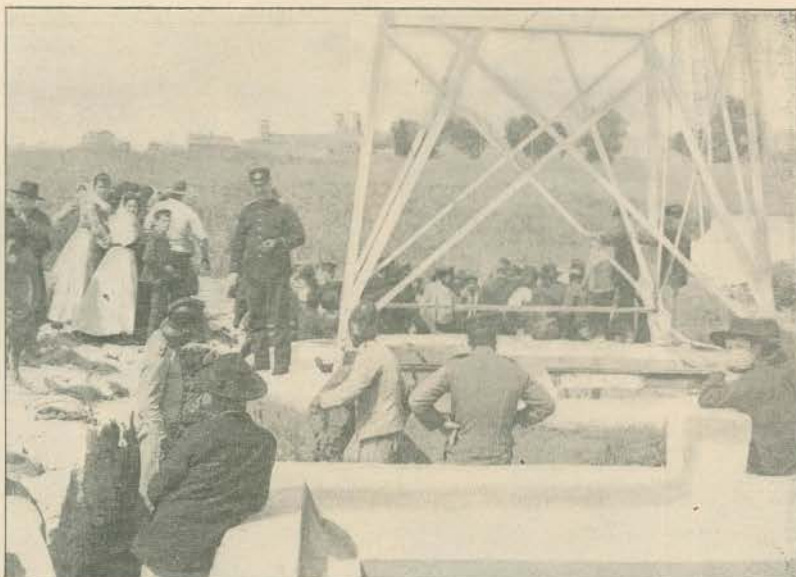
AS GRANDES REGATAS EM PAÇO D'ARÇOS EM DOMINGO 8 DE OUTUBRO

As senhoras que tripulavam o «Farnes», que perdeu a corrida de escaiores: *sras. D. Leonorilde de Figueiredo, D. F. e D. Maria de Figueiredo, D. Phoebe Oakley, D. Mignollean, Ompes, Hunsuira e sr. Ulisses de Figueiredo.*—Ao desembarque: *Ulisses do sr. e Anabela Neves.*—Nadadores: *Aspetos da regata de «pio-oles»*

Estava um esplendido dia de sol; a bahia encheram-se de barquinhos e multidões que conduziam senhoras esportivas e as suas mães e avós, e arde o ar com o som das vozes e das risadas. Foi a largada do «Farnes», mandado sair o sinal para o início da regata, as atenções prendem-se nas embarcações à vela tripuladas por senhoras e que deviam disputar o premio oferecido pela Sociedade de Geographia e que consistia d'uma bandeja de prata, a qual foi entregue ao barco «Lucinda» do sr. Fernando Machado que correu sem o «Stella» do

sr. Carlos Tercio e «Farnes» do sr. Otilio de Figueiredo. Nas outras corridas de vela para barcos de maior tonelagem, em que deviam tomar parte o «Palmyra» do sr. Alfilon, «Estrela» do sr. Carlos Luiz de Albuquerque do sr. Wintermel, ganhou o «Palmyra» a cuja tripulação foi feita uma grandiosa recepção. A corrida de canoas de latão foi ganha pelo «Espartaco» do sr. Warm que correu com o apoio do sr. Alberto Rato e «Coquetos» do sr. Alfredo Baptista. A corrida de canoas de latão foi ganha pelo «Athletas» do sr. Philippe Taylor que disputou o premio com o «Sibylla» do sr. Alfredo Pereira e «D-ide-

mons» do sr. Carlos Azevedo. Na corrida de canoas de madeira tripuladas do Real Club Naval contra o «Chaminis» do Madriçães, na corrida de quatro remos ganhou a «Italia» do Real Club Naval contra a «Italia» do Madriçães. A mais curiosa corrida foi a de escaiores tripulados por senhoras leídas, houve os seguintes resultados e apelações: «Farnes» e «Lucinda» ganhando o ultimo de que trataremos; as sras. D. Maria Henriqueta Talmo, S. André de Figueiredo, miss Daisy Oakley, e miss Mary Mac-Gregor e Misses: 79 o sr. Hugh Oakley.



O novo aparelho adoptado pela corporação de bombeiros para tirar cadáveres do fundo de poços

A antiga forma de retirar os cadáveres das poças. Levantamento do cadáver á um maricheiro no Casal de Monte Almeida em 7 de maio.—Outros trabalhos no mesmo local.—A nova tenaz fechada.—O chefe da 2.ª divisão dos bombeiros sr. Luiz Caetano Pereira de Carvalho, autor do aparelho.—O aparelho fechado com a maior largura.—O aparelho aberto para a apprehensão.—O aparelho funcionando.

Até aqui os trabalhos para tirar os cadáveres do fundo de poços eram bastante demorados e multíssimo perigosos. Geralmente tornava-se necessário montar um serviço de roldanas e ainda assim era preciso que um bombeiro descesse á agua para ligar o cadáver ao gancho preso na extremidade da corda, o que se tornava

prejudicial á saúde, porque a maior parte das vezes a agua estava mais ou menos infectada. Com o moderno aparelho todas essas difficuldades e perigos foram transpostos pois basta lançar a tenaz aberta ao corpo que se quer içar e logo ella se fecha ao agarrar-se com uma força grande e tornando desde logo facilissima a tarefa.

Bastam um ou dois homens com esse aparelho para fazer o serviço que antigamente era todo de delongas, sendo sempre preciso empregar muito pessoal. O autor d'este invento é o sr. Luiz Caetano Pereira de Carvalho, chefe da 2.ª divisão dos bombeiros, que é digno de todo o elogio pelo seu trabalho.



A actriz Lucinda do Carmo—Luiz Ruas, empresário do Principe Real

Frederico Lagos—Ernesto do Valle
Escrivão Filho do governador

Lucinda—Alta Soares Araujo Pereira
A felleira—A filha do governador Governador



Lucinda do Carmo
A felleira

Rosa d'Oliveira
Uma bruxa

Maria das Dóres
Uma bruxa

Luciano—Araujo—Pinto de Campos
Inquisidor—Governador Escrivão

A representação da peça 'A Feliceira' de Vitorien Sardou, 'tradução de Maximiliano d'Azevedo, no theatre do Principe Real

A *Feliceira* é uma peça d'essas com que o dramaturgo francez Sardou ainda aguenta a tradição romantica no theatro. As situações são verdadeiramente empolgantes, algumas inesperadas, o scenario auxilia com o brilhantismo dos trajos a acção da peça singularmente theatral.

Depois, na *Feliceira*, o celebre dramaturgo aproveitou d'uma maneira magistral os recursos que sempre se en-

contram nos lances doos casos religiosos. A peça passa-se em Hespanha neno tempo da Inquisição; uma moura é amante do filho do governador; as relações de ambos tornam-se confidenciaes; diante da religião isso é um crime para o christão, e a moura, para o salvar do fanatismo que o busca e condemnar, declara-se feliceira, dia que lhe lançou os maledictos para o perdo, sendo ella a condemnada. Inlucinda do Carmo fez admiravel-

mente este papel. Luciano, o actor que é no theatro portuguez o que mais quantidades de naturalidade possui, fez com grande propriedade a parte do inquisidor; Ernesto do Valle, Rosa d'Oliveira e Maria das Dóres agradaram nos tambem.

O scenario foi pintado em Italia, o guarda roupa é luxuosissimo e a peça assim desempenhada e montada deve fazer carreira.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLLEBRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

—Um padre aqui!... Timour inclinando-se deante de um padre!

E Timour tornava a pegar nas mãos de Nadia, cujo olhar se fazia mais terro!... Depois, n'uma explosão de riso singular, que parecia fóra de proposito n'esse momento:

—Lá vão cabir ainda mais cabeças de lamas!... Contem-vos, Nadia! Entre os nossos prisioneiros russos, que ponhei, há precisamente alguns, ecclesiasticos, popes, monges ou missionarios. Escolhereis entre elles, e amanhã á noite, na presença dos meus servidores mais fieis, serois, como descejas, rainha da Asia e mulher de Timour.

E, sem esperar pela resposta de Nadia, Timour a levava com um brusco movimento. Diante de elles se abriu uma porta guardada por dois chinezes, immovéis, e do sabre em punho.

Nadia deteve-se, passada de terror, mas a mão do conquistador era irresistivel; foram alguns passos. O ar puro da noite refrescou subitamente a cabeça ardente da donzella. Estavam sobre um terraço rodeado por uma galeria de columnas pequenas. Timour conduziu Nadia por uma escada de alguns degraus, e de repente se desentrou a seus olhos o espectáculo de Samarkande em festa.

Na noite serena, a lua do Oriente envolve n'uma claridade sacroada a cidade e os loges obscuros do horizonte. Faz uma pallida aureola á luminosa formella em que resplende a Asia em chammass. Brillam por toda a parte globos deslumbrantes e no alto das mesquitas ardem e apagam se alternadamente chammass de mil côres. As curvas dos foguetes deslumbrantes cruzam-se por cima dos terraços com as fulgurancias esplendidas dos projectores electricos. Sob a illuminação incessante, vê-se Samarkande, mesclada de côres variadas e mudaveis. Os altos porticos do Rbegistan, a alva cúpula do Gur Emir, do tumulo de Timour Lenk, as ruínas imponentes da metropole de Bibi Khanim, os donrados frontões das medresas, as placas brancas dos terraços innumeraveis, vêm-se distinctamente como uma decoraçáo do apotheoze. E d'essa luz, d'esse esbranzeamento triumphal, sae um estrepito immenso, formidavel. Gritos, cantos, o tumultuar da multidáo, detonações, choques de gongas e de cymbales, sons de trombetas e de fannarras, crepitar de chammass, estampidos de valcozes, a, formando como o baixo profundo d'essa orchestra inaudita, um ardo susurrario que domina ao ouvido attento os rumores proximos, como o bramir continuo do mar, o ruído da invasáo em marcha, batendo a planície e o valle do antigo herco do mundo, que corre em torrente para o Occidente.

E, apontando com o dedo para o Occidente, Timour mostra a Nadia o quadro incomparavel.

Entáo Nadia parece vêr nuvens de sangue, que se elevam sobre a cidade em chammass. A fogueira-se o cóo; formas monstroasas, os dragões da China, as faces encanecadas de riso dos buddhas, cavalheiros phantasticos, apparecem vagamente, agitando brandões nas chammass immensas, brandindo sabres chamejantes, e, lá no fundo, para as bandias do Occidente, desenhase a Europa, vagamente esbatida, para onde corre o incendio asiatico. E as lagrimas correm dos olhos da donzella, enquanto Timour, illuminado pelos reflexos do cóo e da terra abrazados, domina, como o genio do mal, essa visáo horrenda.

II

UM DESCOBRIMENTO DO DOUTOR

Enquanto esse commovente dialogo entre Nadia e Timour terminava em purpuro claráo da apotheoze asiatica, n'uma parte inferior da cidadella estavam reunidos e conversavam os amigos, os companheiros de Nadia.

Não podiam certamente adivinhar o que se passava junto d'elles, e a sua profundissima tristeza não precisava d'esse agravamento. A recordaçáo de Nadia, a oppressáo do sentimento que ella havia trahido a sua santa causa d'elles, a incertoza tambem da sua sorte, desde as longas semanas que havia desaparecido por detraz das sombrias e mysteriosas armações da baranca soborana, pesavam sempre sobre suas almas. Falavam n'isso raramente, mas pensavam sempre. Na sua tragica aventura, em que todos os dias acordavam admirados de se sentir vivos, em que a realidade dos acontecimentos de que eram testemunhas forçadas, assim como os pesadellos dos seus duros sonhos, os baloçavam sem cessar do espanto á admiraçáo do espectáculo entrevisto, a quédá da sua companheira era a ponta aguda que fazia constantemente sangrar os seus coraçoes.

N'essa noite, ao sabir das scenas grandiosas, que tinham assignalado o dia da coraçáo, e de que os seus olhos, primeiro constrangidos a ver, não haviam depois podido desviar-se, a tal ponto a magia da decoraçáo e da festa os tinha hypnotisado, com os ouvidos ainda ensurdecidos pelo estrondoso das acclamações, mal tinham

toçado na sua refeição, servida com a mesma abundancia e o mesmo luxo, fossem quaes fossem as vicissitudes dos itinerarios.

A invencivel fatalidade do destino, á qual se não pode fugir, parecia emanar d'esse triumpho asiatico no proprio centro da antiga Asia. E, todavia, apesar das suas apprehensões e dos seus tormentos, esses homens de valor não perdiam a coragem nem a esperança. Se Timour os tivesse ouvido falar (e quem sabe se as suas conversações não lhe eram communicadas?) teria devido perder a idéa de se vir a ligar á sua fortuna. Eram prisioneiros, e prisioneiros continuavam a ser, á mercê do supplicio previsto. Só Nadia era a sua salvaguarda, e d'isso não duvidavam.

Mérande, que tinha conservado esse incomparavel imperio sobre si, composto de lucidez de espirito e de resistencia physica e moral, pelo qual se impunha como chefe aos seus companheiros, resumiu o que havia passado depois da chegada a Samarkande, e concluiu:

—A coraçáo de hoje é o apogeo da invasáo. Timour está actualmente n'essa elevaçáo, em que o homem mais bem dotado perde a noçáo do real; reputa-se o senhor do mundo, e já não duvida de nada, sobretudo do seu poder.



BOTTERMANN

—Tem direito a isso, disse Herman; venceu até agora os desertos, as montanhas e os homens. Arrasta apoz si multidões, que a morte não aterra.

—Sirvam de testemunho, interrompeu Van Korsteen, cujo bom humor era permanente, essas escadas de esqueletos, que adornam presentemente o Pamir, ida e volta. O tecto do mundo cobre um ossuario monstruoso.

E esta reflexáo transportava os européus á espantosa passagem do Pamir, feita pela invasáo. Só tinham visto um itinerario, o que seguiram; mas fóra uma vontade ou o acaso que havia trahido o seu caminho em zigzag —ora esculpto os declives orientaes, na vinda do Tarim, pelas gargantas nebulosas, seguindo depois do norte ao sul os elevados planaltos varridos pelos ventos glaciaes, —ora cortando, sobre as encostas cobertas de neve viradas a oeste, columnas em marcha, e vindo dar omfim no Ferghanah?

Foi essa, durante tres semanas, uma visáo horrivel e grandiosa. Atraves das tormentas, por ventanias desesperadas, em altitudes superiores a cinco mil metros, mais altaneras que o monte Branco, por todas as gargantas, por todos os caminhos, por todos os atalhos, pelos trilhões dos rebanhos, a invasáo amarella havia passado por sobre o immenso cahos das montanhas, como myriadas de formigas que atravessam um torção pequeno. Tinha quebrado os rochedos, nivelado os planaltos, cavado alicós viaveis em todos os corregos. Atraz dos homens armados, milhares de bestas de carga tinham transportado mulheres, croaçoes, viveres, desde

a Dzangaria até o Hinda Kuch, em cento e cincoenta leguas de frente.

—E talvez a India venha tambem!... acresentava Bottermann, cuja imaginação escandivara conservava e traduzia a assombrosa impressáo d'essa marcha inaudita.

—Mas quantos molhos de cadaveres, suspensos dos flancos dos rochedos, atulhando os barrocos! Os caminhantes do Pamir foram macadimizados com carne palpitante. Nossos olhos estão queimados por essas visões de morte.

E o sensível Bottermann, que tinha os olhos avermelhados das lagrimas occultamente vertidas por Nadia, deixava cabir a cabeça atordada nas mãos.

—Sim, concluiu Mérande com voz grave, uma perda horrorosa de vidas humanas, que me faz ao mesmo tempo pena e medo. Que esforço de Thés! Dez, vinte milhoes de homens que ahí se vão para o incognito! Que força mysteriosa os sustenta? Que sombrio Deus es arrasta á morte? Porque elles morreão. Há já um milhão de mortos, talvez. E as grandes lucias ainda não começaram.

—E' verdade, a proposito, o que faz a Europa? Lestes o jornal da noite? Em que pára a concentraçáo europeia? aonde desembarcam n'este momento os nossos libertadores? Levam tempo a chegar; que vos parece Mérande?

—Ah! doutor Tanto-Melhor, como faezis derivar pelos vossos chistosos repentes as conversas amofinadissimas!

—Oh! meus filhos, vivemos, e já não é pouco; vivemos no meio da tempestade, que despedaça os ramos em torno de nós, e poupa-nos. Temos pronunciado bastantes cousas extranhas e terribes, e veremos ainda outras; conservemos os nossos nervos e o caso bom humor.

—A vossa alegria é que nos vale, prezado amigo, obrigado!

—Na falta da minha sciencia, da qual felizmente não tenho necessidade. Esse passeio involuntario atravez do Pamir fez-nos muito bem a todos quatro. Estamos preparados para a evasáo.

—E'admiravel... mas, seu doutor optimista, que chimera! Nós não temos, nem ao menos um aerostato, nem sequer um simples balão para transportar as multidões, que nos cercam.

E Herman acresentou:?

—Deixto-vos entregues aos vossos projectos. Se encontrades a chave da porta, não vos esqueçades de me acordar. Adens, meus amigos, é tempo de dormir; o somno dá forças e... o esquecimento.

—Vou convosco, disse Bottermann.

Mérande e o doutor ficaram um momento silenciosos. Depois, repentinamente, o doutor, apertando a mão de Mérande, murmurou em voz baixa, muito baixa:

—E, se a evasáo fosse possivel, o que farieis?

—Que dizeis? — Que loucura vos acometteu?

—Chidi! Herman falava de azas... ou de aerostato. Azas não tenho... mas...

—Mas!

—Aerostato, ha um...

—Aonde? Como o vistes? Estaes sonhando?

—Existe. A vistes-o a ouvi falar d'elle.

Mérande estava ansioso.

—Falae! Que foi que vi-tes? que ouvistes?

—Socogae. Eis o que ha. Sabeis que sou chamado muitas vezes á corte imperial por causa da minha especialidade. O proprio Timour me mandou chamar para curar uma contusão. Talvez não me acerdoteis... Deante d'elle metti a lingua no saço e altivamente, sem dar palavra, friccionei. Felicitei-me... Mas, ante-hontem, julguei entrever n'um ptae interior, ao voltar um corredor... um europen, de suissas raivas, nariz arqueado, bonnet colonial, tipo britannico. Forven-me o sangue. Ha, pois, outros prisioneiros? Não disse nada, nem sequer a vós... Felicitei-me ainda. Isso, porém, trave-me o somno. Quem era esse europen?

—Ora, hontem, no terraço, durante a noite, eu tinha ido respirar sob o cóo claro; tudo dormia ou parecia dormir. A propria sentinella, que vigia o terrage, dormia. Tão seguros elles estão de que não podemos fugir.

—De subito, feriu-me o ouvido um rumor singular! Parecia que eram azas de moindo a girar com rapidez, ou antes a cadencia precipitada de um helico. O som era longinquo, mas distincto. Arregalei os olhos, apnéri o ouvido, nada. Eis senáo quando, por cima das casas brancas de Samarkande, a algumas centenas de metros, passa uma sombra alongada, uma cousa arqueante abate-se ahí algures. Mas a lua espalhava bastante claridade para que os meus olhos de doutor diagnosticassem... um aerostato.

Mérande, Timour tem um aerostato, e estou certo que o ingloze á quem o dirige...

—E' possível, e a verdade foi uma fortuna o terdes visto isso. Mas, ali o ingloze, sem duvida, está á soldo de Timour, e a nossa situação não muda. Receio até que a presença d'esse europen a agrave.

—Quem sabe? — Mas esperae pelo fim. Continuei a

olhar, surprehendido e abalado, quando, por sobre mim, n'um terrazo mais elevado, cuja sombra me occultava, ouvi falar inglez. Ha seis mezas que não ouvia essa harmoniosa lingua! mas d'esta vez ouvia-o com prazer. Quem descobria? De certo, o meu inglez e o outro... que bem poderia ser o proprio Timour. Não pude ouvir tudo, porque elles afastaram-se. Contudo, retive isto:—Estaes certo da vossa direcção?—Sim.—Quantas caixas de electryte podéis levar? A resposta escapou-me, mas duas phrases deram a conhecer a personalidade e o papel do inglez. — Vamos a Constantinopla. Levareis os aerostatos, comvoco, e partireis adiante...
 «Foi tudo, e é bastante. Foi, pois, um aerostato, uma machina de guerra, que eu vi, e ha muitos, uma esquadra aerea! Levam electryte. Conheceis melhor do que eu a acção destruidora d'esse novo explosivo.

«Agora, Mérande, partenco-vos combinar a evasão. O commandante disse:—Fizestes bem, meu amigo, em me falar a mim só. E' inutil povoa de illusões o espirito dos nossos dois companheiros de desgraça. Sabemos que ha um meio, hem pouco seguro, de tentar uma evasão. Deixemos á Providencia o cuidado de nos indicar a hora propicia. Mas vejo que Timour não despreza coisa nenhuma. Tem um genio singularmente pratico para tatar. Pensa no caminho do ferro que elle lançou do Kan-su ao Lob-nor e ao Pamir, ás legiões do coola que empurravam os rulos e as machinas, como outrora os fellahs egypcios levavam, moullitos o amontavam os enchos das pyramides. Que força de execução! Tem igualmente aerostatos! Como foi que esses engenhos passaram os mares? Cada Estado guarda os seus com tão cioso cuidado. Em construir, vá lá, como na China! Mas o segredo da direcção, esse motor Reouard, por electricidade, que ninguém pode imitar nem equalar, e que nos deu a superioridade na ultima guerra continental... Porque o que me dizeis do ruido particular do helice, da rapidez da descida, faz-me acreditar n'um aparelho ao menos analogo.

«Ah! se o tivéssemos!... E o caso é que sei dirigilo! —Havemos de o ter, o ingloz com elle, affirmou Van Korsteen, o que privará o sr. Timour de um excellento servitor...

E os dois homens apertaram demoradamente a mão,

III

O SEGREDO DE KANYADJE

Mérande, separando-se do doutor, entrou no aposento que occupava, junto da sala grande, onde os seus companheiros e elle permaneciam a maior parte do dia.

Estavam internados n'um sector do pavilhão outrora occupado pelos officiaes do estado maior russo—especie de casa turca com pateo interior e terrazo, encostada ao antigo e vasto palacio dos emires, em que residiam o governador e estava a secretaria; os dois edificios tinham communicação interior. A fachada oriental, cheia de janellas estreitas, com corniças salientes, dominava o barranco quasi a pique. Sabia-se do pavilhão para a esplanada por um jardim pequeno com boas sombras e rodeado de muros guarnecidos de pontas de ferro. Osistoniceiros estavam alojados nos compartimentos da fachada oriental, que, por um lado, dava para a galeria do pateo interior, e pelo outro, tocava no barranco. Não podiam sair para a esplanada sem passarem pelo pateo e atravessarem as salas da outra ala, que estavam transformadas em casa da guarda. Havia no pateo duas sentinellas permanentes, e outra no terrazo, que dominava Samarkande. A toda a hora podiam os europeus descer ao pateo e estar na galeria, mas não lhes era permittido subir ao terrazo sem da noite fechada. Cada qual tinha o seu quarto, cuja janella gradeada deitava para o barranco. Era-lhes naturalmente impedida a esplanada, e além d'isso, não toriam podido lá apparecer sem risco de serem trucidados por alguns fanaticos.

São necessarios estes pormenores para bem se comprehender a situação dos prisioneiros, e as precauções tomadas para obstar a toda a tentativa de evasão.

Estavam entre o precipicio e a esplanada. Por baixo do pavilhão havia esanattas sacras, mas sóccas, em que os russos arrendavam provisões e armas; estavam vazias n'essa occasião. Baços subterraneos recolhiam luz do barranco, enjos rochados roçavam por vezes os respiradouros.

Timour habitava o palacio com os seus officiaes. Parte era destinada ás mulheres. Mas uma galeria interior, ornada de pequeninas columnas, dava a volta interior do palacio, á altura do terrazo do pavilhão, com o qual communicava por uma porta, que tinha os ferros lhos corroidos. Do dia, circunvalam guardas n'essa galeria; de noite, estava geralmente deserta. Era com effeito impossivel abordeal-a da parte de fóra. Ficava igualmente sobranceiro ao barranco.

Erão onze horas, quando Mérande se recolheu. Subiam até os seus ouvidos os rumores longinquo da festa, e os fulgores das illuminações passavam através da sua janella. Foi-se encostar á ella, apoiando a sua fronte ardente aos varões de ferro. Esse contacto, refrescando-o, recriou-lhe amargamente o captivello.

Franjá decórridos tres mezas desde que elle e os seus companheiros se viam arrotados n'essa aventura tão tragica como inaudita! E novas nenhuma da Europa depois d'essa surprehendente communicação na montanha com Boris pela telegraphia boreal!

Depois o seu pensamento ia a para aquelles a quem amava, sua mãe, sua irmã, que o deviam julgar morto, emagado pela invasão sangrenta. Moio nenhum de as avizar, de as tranquillizar. Nenhuma probabilidade de evasão!

E, todavia, o descobrimento do doutor lançava em seu coração desanimado uma claridade de esperanças, mas tão fraca!

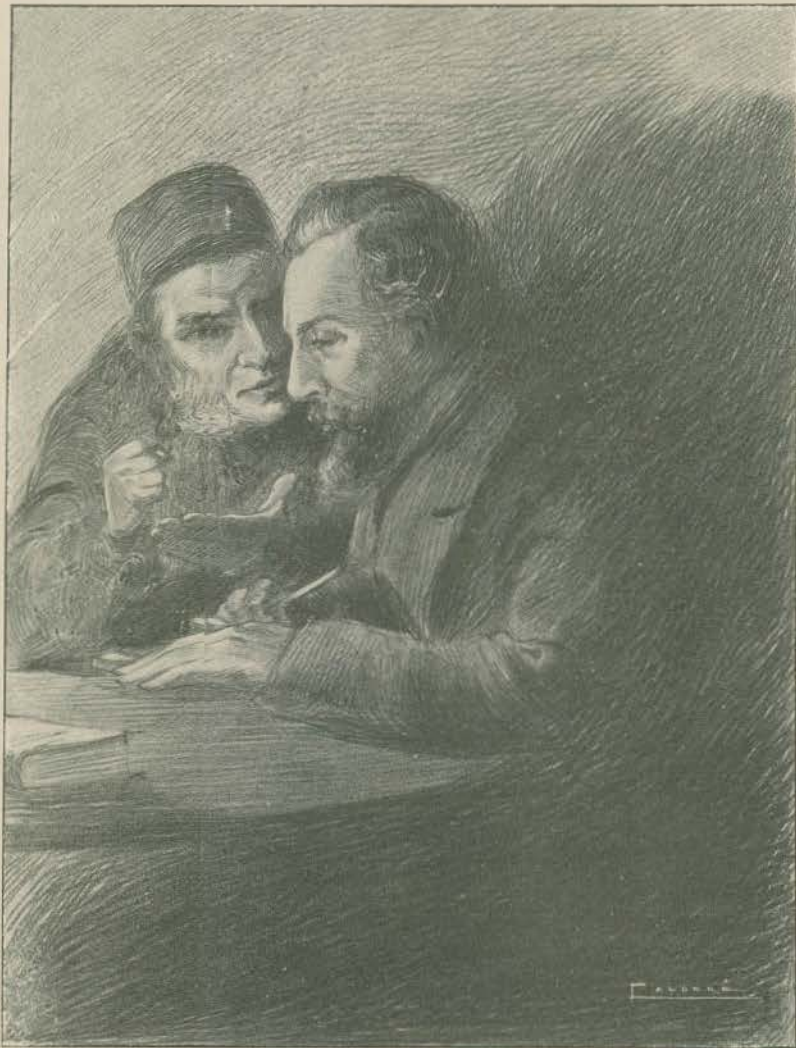
Havia junto d'elles um aerostato, que a sua mão experimentada toria em breve impellido para a Europa. E esse aerostato era, sem d'iravida, um engenho, uma d'essas formidaveis e monstruosas aves de morte, que iam auxiliar a invasão. Como é deitar-lhe a mão? Como approximar se d'elle?

—Nadía!... pensou elle, transornado.

Mas não, essa mulher era baixa, mais baixa que Nadia. Envoltida dos pés á cabeça n'um parandji de seda de côr argentea, dava ares de uma apparição, vagamente esbatida na pallida claridade que derrancava a lampada electrica pegada ao leito de Mérande.

Mérande perguntava a si mesmo se estaria sonhando! Nem uma palavra, nem uma exclamação saia da sua boca. Debaixo do véo a mão que lhe tocára surgiu lentamente, com gesto indeciso; depois, a apparição, voltando-se para o interior do quarto, fez como que signal de o chamar, e, seguindo os seus passos, Mérande, penetrado do mais vivo interesse, avançou a se.

Ella parou defronte da lampada, e o estofa, que se



FOL. POIS, UMA MACHINA, QUE EU VI.

O sentimento da propria impotencia contrahia o espirito de Mérande n'uma torturante inexprimivel. Capitão de um navio prestes a afundar-se, via tudo a sussobrar em volta de si, os seus ultimos amigos na vespera da morte; nenhum soccorro vizinho, nem do céu nem da terra. E a sua dor tornava-se e mais pungente com a perfidia de Nadia. Um presentimento instinctivo e advertia de que, n'essa hora em que a sua alma luctava contra o desespero, se passava alguma coisa irrepavel, e que o céu se obumbrava a cada vez mais.

Durante a sua cruel meditação, Samarkande ia succedendo e adormecia.

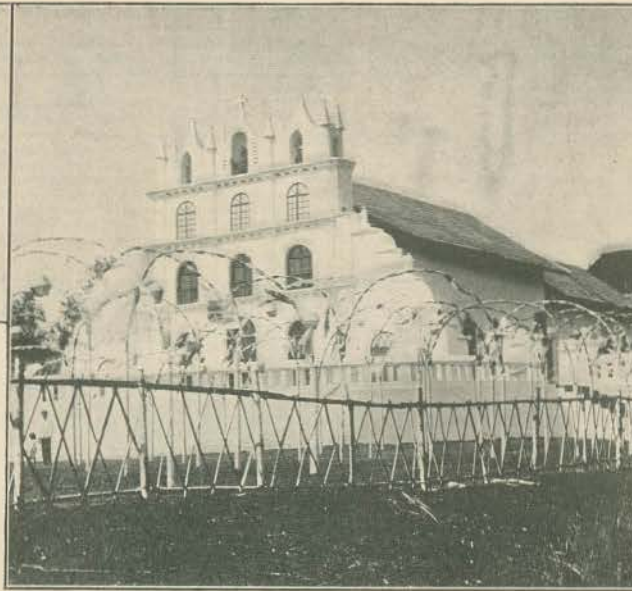
Subitamente, Mérande sentiu no hombro passar um ligeiro contracto. A sua cabeça pesada cuspava-lhe a arguer-se, mas, como experimentasse a pressão de uma mão, Mérande voltou-se de se golpe. Deante d'elle estava uma mulher.

abriu, deixou ver a Mérande um rosto encantador e pallido, que illuminavam dois olhos profundos e perturbadores. Por fim, o parandji caiu lentamente e appareceu uma mulher em todo o brilho de um vestuario de apparato. Tinha na cabeça um lepe, especie de barrete achado guarnecido de diamantes, d'onde pendiam compridas tranças negras. A boca tinha um sorriso enigmatico, enquanto Mérande, deslumbrado, se aproximava para distinguir melhor as feições d'essa mulher mysteriosa, que trazia consigo não sabia elle que novo contracto.

Mas ella, vendo o espanto e a incerteza do official, collocou-se em plena luz, e Mérande saltava repentinamente um grito abafado.



Padre Lamartine de Quadros
Fundador do templo de N. Senhora Mãe de Deus



O templo de Nossa Senhora Mãe de Deus em Goa—O altar-mór

(Photographias enviadas à «Illustração Portuguesa» pelo sr. Amancio Gracias, da India.)

Entre os mais formosos templos da archidiocese de Goa, destaca-se pela sua singular belleza architectonica o que, ha pouco tempo, foi construido em Loutlim, concelho de Salaste, e dedicado a Nossa Senhora Mãe de Deus. Reproduzimos hoje as suas vistas exterior e interior, pelas quaes se pôde fazer idéa, embora pallida, d'essa elegante obra d'arte, juntamente admirada por quantos a vão visitar. Deve-se ella unicamente á piedosa inicitativa do sr. Pedro d'Alcantara Lamar-



Bazilio Telles
Auctor do livro «De Ultimatum ao 21 de Janeiro», que foi apprehendido pela policia

Chronica elegante

A epoca actual, que os francezes chamam *arriere-saison*, e, na grande capital, abrilhantada com numerosos casamentos elegantes, aproveitando-se depois até á entrada do inverno para os deliciosos *toyages de nocas* na Côte d'Azur e na Italia.

Ultimamente houve algumas bodas sensacionais; uma de um official russo d'um regimento que fez a guerra da

Verdade seja que a velhice hoje é letra morta para quem pôde e quer. Os cosmeticos, os posticos, os espartilhos, tudo, bem escolhido, consegue armar e compôr uma pessoa de juvenil apparencia.

FIG. 1—*Toilette de garden-party* em mousseline e rendas brancas. Sombriinha branca.

FIG. 2—Chapéu de outomno de *chez Senthéris*, velludo gris *souris* e *novette* (gatvota) rose.

FIG. 3—*Toilette de casino*, feitio *Princesse* em seda e gaze cor de rosa. Chapéu com grande pluma cor de rosa desfrizada.



FIG. 2



FIG. 1

Mandchuria com uma senhora da mesma nacionalidade, trajando o noivo o uniforme completo da sua arma. Outra *noce* interessante fôoi a de um funcionario do Celeste Imperio com uma jovem e elegante parisiense, attrahindo tambem todas as attentões a riquissimas *toilette* do noivo, muito mais suggestiva e brilhante que a da gentil desposada.

No meio aristocratico realison-se tambem um opulento enlace no qual a moiva trajava uma *toilette de drap d'argent* e um véu de *vieux Point d'Angleterre* do incalculavel valor.

Nos centros elegantes de villegiaturas estrangeiras, cada praia, cada estacção de verão, tem a sua semana e os *suods* de festas mundanaes fazem andar os seus automoveis n'um vertiginoso corripio de Deauville para Trouville, Triport, Ostende, Sheveningen, etc., etc.

As *toilettes* são um desafio de luxo, de phantasia, de arte e originalidade. Os vestidos descolados com chapéu continuam a figurar nas *toilettes* de casino, theatro, concerto e jantares nos restaurants mais afamados, onde muitas damas apparecem de bengala.

Enquanto as brumas hibornaes não vem recordarnos mágnas e tristezas, continua a orgia do branco, para vestidos, capas, chappéns, sombrinhas, calçado, etc., e servindo de traje favorito ás crianças de todas as idades, ás senhoras novas, de meia-idade e mesmo de idade completa.



FIG. 3

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na
Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS



Conservando
com as CONSERVAS
e PICKLES DE
Lopes,
Coelho
Dias
MATRIZ NOS
PORTUGUEZA

O PIPERINOL

Para dar r.ôr e brilho igual ao encerado em móveis e soalhos. Imitação pau santo, ou
gueira, mogno e varias madeiras. Este preparado não tem agua-raz-nem cheno algum.
Aplicação facil e rapida.

Deposito unico: Rua Buenos Ayres, 35
GIL DIAS ASSUMPTÃO.



CHRONOMETRE
ZENITH

OMELHOR RELOJOIRO
D'ACTUALIDADE E EM
OURO, PRATA, E AÇO
PREMIADO COM O
Grand Prix
Paris de 1910

VENDA EM TODAS AS RELOJARIAS E OURIFERIAS

MUSICAS
Não comprem sem ver
na R. do Ouro, 63 - **VENANCIO**

Cura dos ferunculos, diabe-
tis, eczemas, dyspepsias
e reumatismo.
Fermento seleccionado d'uvas
Fermosinho
Praça dos Restauradores, 21-Lisboa

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Brilhantes capas em
percalina enca nadas a
ouro e côres, superior-
mente illustrada por Santos
Silva, para a a encadernação de cada semestre
da notavel revista

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Capa e respectivo in-
dice para cada semestre
700 RÉIS



COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
Proprietaria das fabricas do Prado, Marianilha e Sobrelimbo (Thomar),
Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Major (Abergaria a Velha).
Installadas para uma producao annual de cinco milhoes de kilos de papel e dis-
pondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria
Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão
e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas
para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua
ou redonda e de fôrma

Escritorios e depositos LISBOA - 270, Rua da Princesa, 276
PORTO - 49, Rua de Passos Manuel, 51
Bndereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado-Porto-Prado-Lisboa; Numero telefonico 208

TRIPLEOPHONE



A ultima palavra
em machinas falantes

GRAMOPHONES

Para o Povo

OU O

Gramophone Popular

Esta machina, um magni-
fico aparelho com todas as
propriedades das melhores
machinas, é perfectissimo, re-
produz os sons com todo o seu
vigor e pujança, com a maior
clareza e nitidez.

Preço **12\$000 PS.**

Companhia Franceza do GRAMOPHONE

Largo da Rua do Principe, 8, 1.º

Onde todos os pedidos devem ser dirigidos

ESTAÇÃO DE INVERNO

Com o mais colossal, variado e completo sortimento de fazendas de todos os generos e procedencias



Os GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

o mais vasto e completo estabelecimento do paiz e o unico que tem relações directas com as fabricas, é por isso o unico que vende por preços fóra de toda a competencia todos os artigos das suas innumerables secções.

O fornecimento dos **Grandes Armazens do Chiado** é feito de fôrma a haver de tudo, desde o artigo mais simples e barato até ao mais rico e luxuoso.

O unico estabelecimento que offerece brindes reaes e effectivos, cujo valor representa uma grande parte dos pequenos lucros resultantes das vendas. Todo o comprador é associado aos interesses dos

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Pobres, ricos e remediados todos devem ver a grande lista dos **BRINDES** distribuidos aos seus freguezes pelos **Grandes Armazens do Chiado**, entre os quenes se destaca o elegante, hygienico, saudavel e bem construido

CHALET IDEAL

edificado em CAE AGUA, uma das praias mais pittorescas e arejadas da linha de Cascaes.

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO